




DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674123>


Artigo Original

## A educação física escolar e as discussões de gênero: contribuições do PIBID para a formação docente

*Physical Education at school and gender discussions:  
contributions of PIBID to teacher education*

*Educación física escolar y discusiones de género:  
Contribuciones del PIBID a la formación del profesorado*

Bárbara Aparecida Bepler Pires<sup>1</sup> 

Thalita Regina de Oliveira Portela<sup>2</sup> 

Ayra Lovisi Oliveira<sup>1</sup> 

### RESUMO

O **objetivo** desta pesquisa foi analisar os efeitos que as experiências com o PIBID Educação Física causaram na percepção de docentes acerca das relações de gênero em suas aulas. **Metodologia:** Este estudo é de natureza qualitativa e o instrumento utilizado para coleta de dados foi o Grupo Focal, contando com a participação de seis ex-bolsistas e dois ex-supervisores do PIBID. Para análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo. **Resultados e discussão:** As oportunidades de formação relatadas para problematizar gênero nas escolas são as literaturas específicas, as experiências nos espaços escolares e as relações interpessoais. O PIBID foi apontado como essencial para a formação deles/as enquanto sujeitos e ainda é potencializado por unir as duas últimas oportunidades veementemente citadas: vivência no espaço escolar e relacionamentos entre pares. **Conclusão:** Sendo assim, concluímos que o PIBID, através dessas potencialidades, permitiu o acesso a saberes e espaços para discutir, refletir e problematizar as questões de gênero na Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Professores - Formação. Estudos de Gênero. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Grupo de Pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq), Juiz de Fora-MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Linguagem e Cultura (GEFLIC), Juiz de Fora-MG, Brasil.

#### Correspondência:

Bárbara Aparecida Bepler Pires. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos. Rua José Lourenço Kelmer, s/n. Bairro São Pedro, Juiz de Fora - MG. CEP 36036-900. Email: [barbarabepler@gmail.com](mailto:barbarabepler@gmail.com)

## ABSTRACT

The **objective** of this research was to analyze the effects that the experiences with PIBID Physical Education caused in the perception of teachers about gender relations in their classes. **Methodology:** This study is of a qualitative nature and the instrument used for data collection was the Focal Group, with the participation of six former fellows and two former supervisors of PIBID. Content Analysis was used for data analysis. **Results and discussion:** The training opportunities reported to problematize gender in schools are the specific literatures, the experiences in the school spaces and the interpersonal relationships. The PIBID was pointed out as essential for their formation as subjects and is still potentiated by uniting the last two opportunities vehemently mentioned: experience in the school space and relationships between peers. **Conclusion:** Thus, we conclude that the PIBID, through these potentialities, allowed access to knowledge and spaces to discuss, reflect and problematize gender issues in school physical education.

**Keywords:** Teachers - Training of. Gender Studies. Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships.

## RESUMEN

El **objetivo** de esta investigación fue analizar los efectos que las experiencias con PIBID Educación Física causaron en la percepción de los docentes sobre las relaciones de género en sus clases. **Metodología:** Este estudio es de carácter cualitativo y el instrumento utilizado para la recolección de datos fue el Grupo Focal, con la participación de seis ex becarios y dos ex supervisores del PIBID. Para el análisis de los datos se utilizó el análisis de contenido. **Resultados y discusión:** Las oportunidades de capacitación reportadas para problematizar el género en las escuelas son las literaturas específicas, las experiencias en los espacios escolares y las relaciones interpersonales. El PIBID fue señalado como esencial para su formación como sujetos y todavía se potencia al unir las dos últimas oportunidades mencionadas con vehemencia: la experiencia en el espacio escolar y las relaciones entre pares. **Conclusión:** Por lo tanto, concluimos que el PIBID, a través de estas potencialidades, permitió el acceso a conocimientos y espacios para discutir, reflexionar y problematizar las cuestiones de género en la educación física escolar.

**Palabras Clave:** Profesores - Formación. Estudios de Género. Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) se relaciona com a construção e manutenção de diversos padrões sociais que permeiam a nossa sociedade devido à sua história circunscrita em ideais higienistas, militaristas (Castellani Filho, 2011; Goellner, 2013; Mourão, 2000) e suas raízes em uma perspectiva biológica (Louro, 1997) que produziram, por conseguinte, uma EF escolar generificada e generificante. Assim, correlacionar EF e gênero perpassa pelo reconhecimento de que este “[...] nos constitui, inscreve-se na nossa carne” (Goellner, 2013, p. 25).

Nessa perspectiva, as relações de gênero são entendidas como categoria analítica e organizacional do social. Desse modo, temos acordo com Scott (1995, p. 86), que concebe o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

No entanto, mesmo a EF tendo sua trajetória composta pela construção e manutenção de normatizações dos corpos e papéis sociais, ela pode ser transformada em potencial espaço para desconstruções e problematizações de questões interseccionadas ao gênero como raça, classe e religião. Mediante aos seus conteúdos que podem ser ressignificados, a EF pode ser um importante espaço de resistência (Portela, 2020), auxiliando no rompimento de paradigmas e conceitos binários, além de combater diversos tipos de preconceitos (Altmann, 2015; Auad; Corsino, 2016). No entanto, é necessário reconhecer que para que os/as docentes sejam de fato comprometidos/as com a construção de uma Educação Física escolar (EFe) que reconheça as relações de gênero e as formas como elas afetam as suas aulas, os cursos de formação precisam garantir o acesso àquilo que vem sendo produzido, pensado e problematizado sobre a temática. Considerando tudo isso, nos questionamos: essa tem sido uma preocupação dos cursos de formação docente?

Sabendo que há escassez nas disciplinas obrigatórias e optativas que abordam gênero de maneira específica (Araújo; Devidé, 2019), e que a temática atravessa apenas uma pequena parcela de currículos e projetos pedagógicos em Licenciaturas em Educação Física no Brasil (Nicolino, 2018), outro caminho possível para alcançar essas discussões pode ser por meio de espaços de experiências, vivências e aprendizados que extrapolam aqueles previstos nas diretrizes curriculares. Como exemplo, temos os projetos de extensão, estágios supervisionados, oficinas, projetos voluntariados, iniciações científicas, monitorias, além de outros programas como PET (Programa de Educação Tutorial) e PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) que se apresentam também como outras possibilidades de formação (Lovisi, 2021). Na presente pesquisa focamos em analisar o PIBID e as suas potencialidades na formação docente.

O PIBID é vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e objetiva “fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira” (Brasil, 2010, recurso *online*). De acordo com o estudo avaliativo realizado por Bernadete Gatti *et al.* (2014, p. 103), “observou-se como o PIBID é valorizado em todos os níveis” por aqueles/as que fazem parte do programa (coordenadores/as, bolsistas, supervisores/as). Mostrando sua relevância e pensando que um de seus objetivos é o de “elevar a qualidade da formação inicial de professores/as” (Brasil, 2013, p. 30), considera-se que o programa faz parte daqueles espaços de formação que perpassam a vida de professores/as e suas contribuições são significativas.

Reconhecendo, portanto, a importância do PIBID, nos questionamos: será que as experiências dentro do programa poderiam aproximar as discussões de gênero da formação inicial de futuros/as docentes? E da formação continuada de supervisores/as?

Diante o contexto apresentado, o objetivo desta pesquisa foi analisar os efeitos que as experiências com o PIBID Educação Física causaram na percepção de docentes acerca das relações de gênero em suas aulas.

## MÉTODO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e sua intenção “não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskell, 2002, p. 68). Na pesquisa qualitativa há uma preocupação em como as pessoas entendem o mundo e como experimentam eventos (Willig, 2013). A preocupação desse tipo de pesquisa é com os significados emergentes da coleta de dados e não prezam pela generalização dos seus achados.

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi o Grupo Focal (GF), que segundo Gondim (2003, p. 151), caracteriza-se “como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos”. Optamos por esse instrumento por reconhecer que o GF:

[...] permite o alcance de diferentes perspectivas de uma mesma questão, permite também a concepção de processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como a compreensão de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevaletentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema em questão (Lopes, 2014, p. 484).

Os/as participantes desta pesquisa foram dois ex-supervisores e seis ex-bolsistas do PIBID Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Os critérios de inclusão para participação na pesquisa foram: ser ex-bolsista com permanência no programa de, pelo menos, um ano; ser supervisor/a que fez ou faz parte do PIBID, com tempo mínimo de permanência de um ano; atuar em escolas públicas ou privadas durante a realização da pesquisa; e possuir disponibilidade prévia para participação remota no GF.

O roteiro do GF foi validado por pares e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 07282918.0.0000.5147 com parecer nº 3.367.655. Os/as participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por meio dos endereços de e-mail que disponibilizaram e o assinaram de forma virtual. A fim de preservar a identidade dos/as participantes da pesquisa, utilizamos a letra "B" e "S" (em maiúsculo) para representar suas funções: bolsista ou supervisor, respectivamente. As letras serão seguidas do numeral (1 a 8) que foram alocados pela ordem que as falas emergiram.

No momento que os dados desta pesquisa foram coletados (2021), o mundo passava por uma pandemia viral denominada COVID-19 que conduzia a população por um período de isolamento social. Neste sentido, todo o caminhar metodológico prosseguiu por trilhas virtuais, incluindo a realização do GF. Utilizamos a plataforma Google Meet para realizar a reunião remota *online* e a gravação foi feita em voz e vídeo através do programa Zoom Meeting se, posteriormente, apenas as vozes foram transcritas de forma literal. A gravação teve duração total de 1 hora, 52 minutos e 38 segundos.

Os dados desta pesquisa foram interpretados através da Análise de Conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Franco, 2008). Segundo Bardin (1977, p. 42), ela compreende:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Entendendo e reconhecendo o papel ativo dos/as participantes na produção de conhecimento e a relevância de suas contribuições verbais, realizamos a transcrição literal do GF (Franco, 2008). Essa transcrição compõe o que Bardin (1977, p. 96) denomina de *corpus* e o caracteriza como "[...] conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos".

A seleção do *corpus* faz parte da Pré-Análise que também contempla a denominada Leitura Flutuante (Bardin, 1977; Franco, 2008). Para concluí-la, inúmeras leituras foram realizadas para que fosse possível absorver as “[...] impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas” (Franco, 2008, p. 52) que pudessem emergir e conhecer de maneira profunda o *corpus*.

Ao realizar a Leitura Flutuante foi possível iniciar a exploração do material, segunda etapa de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), e para este artigo iremos destacar quatro categorias temáticas que se revelaram mediante as perguntas geradoras realizadas e/ou os discursos dos/as participantes durante o GF: “EF escolar e as discussões de gênero”; “Formação inicial e as discussões de gênero”; “Oportunidades de apropriações acerca das discussões de gênero”; “PIBID e suas contribuições para as discussões de gênero”.

A terceira etapa da Análise de Conteúdo é o tratamento e interpretação dos dados (Bardin, 1977; Franco, 2008), incluindo as inferências e as interrelações com referenciais teóricos que serão explanadas no próximo capítulo. Porém, antes de iniciá-lo é importante elucidar alguns detalhes sobre os/as participantes da pesquisa.

Eles/as tinham idade média de aproximadamente 30.5 anos, sendo 25 anos o limite inferior e 39 anos, o superior. A maior parte dos/as docentes pertencem ao gênero masculino (5) e em sua totalidade concluíram o curso de Licenciatura em Educação Física entre os anos 2005 e 2019 na Faculdade de Educação Física e Desportos (FAEFID) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Com ressalva para B6 e B7, os/as demais docentes fizeram parte do PIBID, seja como bolsistas (B1, B3, B4, B8) ou supervisores (S2 e S5), por 3 anos ou mais; destaque para S2 que ingressou em 2012 e foi supervisor do Programa por 8 anos. Os/as participantes exercem sua docência no estado de Minas Gerais, com exceção de B1, que leciona no estado do Rio de Janeiro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no que foi elucidado anteriormente, este artigo se concentra em quatro categorias temáticas principais que surgiram dos procedimentos metodológicos adotados. Essas categorias serão exploradas em detalhes nos subtópicos subsequentes deste capítulo.

### A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO

É importante salientar que os/as docentes comentaram, desde o início do GF, a respeito do lugar de destaque ocupado pela disciplina de EF no trato dessas discussões dentro da escola. B8 relata que ao pensar gênero, “*não tem como a gente fugir da nossa área e daquilo com que a gente está próximo*” e B1

diz que *"é um aspecto importante no âmbito geral, mas também muito caro para a gente da Educação Física [...] pelas reflexões que são levantadas diante dos conteúdos da Cultura Corporal"*. Em algumas falas, essa relação é feita por meio das proposições dos conteúdos e práticas corporais que são historicamente generificados e generificantes, como exemplificados a seguir:

"Então, assim, principalmente na nossa disciplina, eu acho que isso aparece muito forte. Porque a gente sabe que, historicamente, a gente não tem a mesma oportunidade em práticas esportivas e corporais para meninos e para meninas. [...] E a questão de gênero também vai além só dessa questão de o que é mulher, o que é homem. É sobre a identidade da pessoa. Como se identificar como sujeito no mundo, perpassa pelas questões da sexualidade [...] e intersecciona com classe, gênero, idade" (B7).

"A gente lida com práticas corporais que foram, historicamente, e ainda são colocadas, são separadas práticas masculinas e femininas. E aí, quando acontece uma situação em que isso é colocado em questionamento, em evidência, aí é que vem que a gente tem o nosso momento de pensar aquilo para além de manter essa dicotomia" (B8).

B7 percebe a questão que atinge a disciplina ao pensar e problematizar as brincadeiras historicamente concebidas como "de meninos ou de meninas" (Aquad, 2006; Nicolino; Silva, 2013; Souza; Altmann, 1999), além de discursar sobre o reconhecimento de diferentes identidades e sexualidades (Scott, 1995). B8 também percebe tais práticas e ainda sinaliza como o trato pedagógico pode interromper essas ideias dicotômicas (homem x mulher), desde que elas sejam identificadas, compreendidas e problematizadas. Acerca disso, S5 correlaciona as possibilidades de proposições pedagógicas e intervenções com os modos de compreender o mundo:

"Ela é uma atividade que ela não é neutra. Então, nossa concepção de mundo e a nossa compreensão a respeito dessas funções, elas estarão diretamente relacionadas à nossa atividade pedagógica. [...] Então, a nossa compreensão sobre as questões relacionadas ao gênero, ela vai interferir diretamente na forma como nós iremos trabalhar e como nós iremos desenvolver o nosso trabalho pedagógico nas nossas atividades diárias, nas nossas atividades cotidianas, no desenvolvimento da Educação Física e da Educação como um todo, né? [...] Então, acho que é importante que a gente discuta, que a gente reflita, que a gente debata, que a gente se aprofunde, que a gente conheça essas questões" (S5).

Os/as participantes da pesquisa elucidaram possíveis ações pedagógicas no que tange às questões de gênero e valorizaram a magnitude dessas discussões, diferentemente dos/as educadores/as participantes da pesquisa de Nicolino e Silva (2013), que não propunham diálogo, não problematizavam qualquer questão e ignoravam situações que causassem "desconforto" fingindo que não viram e/ou ouviram. As autoras ainda relatam que educadores/as "tentavam

intervir a partir de suas vivências, de seus conhecimentos morais, religiosos e percepções afetivas. Outros/as centravam suas conversas em argumentos científicos, mas de cunho biologicista [...].” (Nicolino; Silva, 2013, p. 115). Uma parcela dos/as docentes de Educação Física estudados/as por Ramos e Deive (2013) também baseiam suas práticas em discursos biológicos, binários, excludentes e preconceituosos que contribuem para a manutenção das desigualdades e violências de gênero, além dos estereótipos de feminilidades e masculinidades.

As discussões sobre as questões de gênero ainda são consideradas pelos/as participantes como “[...] *um assunto que ainda incomoda, que ainda causa um certo constrangimento, que ainda tenta ser tirado de certos lugares enquanto tema de debates.*” (B8). Considerando esses processos de rupturas e subversões, os desafios encontrados por eles/as para refletir sobre as questões de gênero no contexto escolar são incontáveis e o ambiente se torna hostil para o debate com dificuldades de diálogo com os pares, gestores/as e com as famílias. A falta de espaços para reflexão pode ser maximizada pelos movimentos conservadores que assolam o nosso país, e mundo, nos últimos anos. Um dos pontos de reflexão é exposto por S5:

“[...] é importante a gente pensar que a escola ela não é uma bolha na sociedade, que as coisas lá vão acontecer de uma forma diferente o que acontece na sociedade, de uma forma geral. Então, os obstáculos e as dificuldades, muitos deles vem dessa nossa dificuldade em travar com essas questões, não é? Da forma como culturalmente os papéis sociais de gênero eles foram se constituindo, como eles foram se manifestando nas nossas relações sociais. Então, na escola isso também acontece, também acontece de uma forma muito latente. E há uma dificuldade em tratar essas questões” (S5).

O ambiente no qual a instituição está inserida não pode ser ignorado. Se ela faz parte de uma sociedade baseada em pilares dicotômicos e heteronormativos (Butler, 2019) que são fomentados por ideias conservadoras (Moraes e Silva; Medeiros; Quitza, 2020) e que violentam aqueles/as que fogem às normas (Louro, 2009; Oliveira, 2014), as dificuldades enfrentadas e tensões produzidas ao realizar esse debate em outros espaços fatalmente irá acontecer no interior das escolas.

Em meio às dificuldades enfrentadas, B8 entende que o enfrentamento é de responsabilidade dos/as docentes e se faz em outros espaços escolares também, inclusive com seus pares. S5 diz que *“mesmo sabendo que ainda falta um enorme caminho para se trilhar nessa jornada”*, por intermédio das práticas pedagógicas, ele tem *“trabalhado essas questões de uma forma a dar alguns pequenos passos”*. Portanto, já cientes de que as problematizações quanto às discussões de gênero são propostas por eles/as na Educação Física escolar, que há uma compreensão e entendimento da importância desse debate nas escolas e



do protagonismo do/a professor/a de EF, seguiremos para a próxima categoria de análise.

### **FORMAÇÃO INICIAL E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO**

Ao refletirmos sobre essa temática, inicialmente, salientamos que os/as participantes concluíram sua formação inicial em Educação Física e participaram do PIBID na mesma universidade, mas em períodos distintos.

“Se eu for lembrar do período da minha graduação, da minha formação, essas não eram questões que eram discutidas, que eram postas, que a gente tinha tanta oportunidade digamos assim, de conversar sobre essas relações” (S5).

“Eu só fui aprender no mestrado que as mulheres foram proibidas quarenta anos de praticar futebol. Eu olho para trás e falo assim: ‘Gente, isso eu deveria ter aprendido na minha graduação no mínimo’” (B7).

“Eu criticava muito a minha graduação no sentido: ‘Ah, não se fazia uma discussão de gênero decente, não tinha uma disciplina voltada para isso’. Mas, mesmo assim, se a gente resgatar, teve uma discussão ou outra ali” (B1).

Os anos de formação das/os participantes em destaque foram 2006 (S5), 2015 (B7) e 2018 (B1), respectivamente. Apesar de não existir uma disciplina específica que tematize gênero durante a graduação deles/as, é notável que houve discussões esporádicas sobre o tema durante a formação de B7 e B1. Isso demonstra um avanço com o passar dos anos, entretanto, consideramos que ainda são insuficientes quando reconhecemos a influência das questões de gênero na Educação Física.

Nicolino (2018, p. 87) denuncia que, apesar do gênero estar presente em nossas relações e de ser um assunto caro para diversos grupos, ele é “ignorado e excluído do currículo para dar espaço a outros saberes autorizados e legitimados por aquelas relações de poder já existentes”. Como demonstrado na pesquisa de Araújo e Deive (2019), as ementas das disciplinas analisadas giravam apenas em torno de outras temáticas como regras e treinamento técnico, não se referindo ao gênero.

Sobre essas exclusões, Araújo e Deive (2019, p. 38) concluem que:

[...] se mesmo disciplinas como lutas, dança, futebol e ginástica, não possuem uma perspectiva de discussão, invisibilizando a problematização dessas temáticas de forma transversal nas suas aulas, acabam por favorecer o surgimento de discriminações, exclusões e autoexclusões na intervenção pedagógica desses/as docentes em suas futuras aulas de EFe, pois não possuirão sensibilidade para identificar as causas dessas práticas de exclusão ou ferramentas para lidarem com a problematização das temáticas

de “gênero” e/ou “sexualidade” presentes nas aulas. Isto dificulta a consolidação de uma prática pedagógica transformadora e inclusiva no que diz respeito às tensões que envolvem as questões de gênero na EFe.

Reconhecendo uma falha na formação dos/as participantes, trazemos para a análise mais uma categoria temática que contempla outras oportunidades de formação possíveis para que possa adquirir conhecimento no que diz respeito às discussões de gênero.

### **OPORTUNIDADES DE APROPRIAÇÕES ACERCA DAS DISCUSSÕES DE GÊNERO**

Os/as participantes consideram que a literatura específica é uma importante via de aprendizado para se discutir gênero na EF escolar: “[...] atualmente eu tenho tentado me debruçar um pouquinho mais em um estudo sobre relações de gênero [...]” (B6)” e *eu também tenho me aproximado, teoricamente, de algumas coisas sobre relações de gênero.*” (B8). Este estudo influencia diretamente na sua atuação no âmbito escolar conforme explicita B7:

“[...] E isso vai refletir nas nossas ações cotidianas, na nossa subjetivação, na nossa prática pedagógica e isso acho que impacta, quando a gente começa a se aproximar mais dos estudos, impacta muito a nossa prática, a gente tem que tá em constante quebra de paradigmas como o P6 falou e em constante ressignificação da nossa prática” (B7).

O esforço individual em se debruçar nas produções acadêmicas e participar de eventos que tenham as questões de gênero como tema principal é visto como alternativa à falta de oportunidades para discutir, debater e problematizar essas questões no currículo de formação inicial em Educação Física (Araújo; Devide, 2019; Nicolino, 2018; Pereira, 2012).

“Isso vai da busca do professor em procurar cursos de extensão, pós-graduação, os espaços verticais de formação como mestrado e doutorado e aí vai depender do objeto de escolha, mas de fato assim, carecemos muito de um plano educacional de formação dos professores em loco [...]” (S2).

“Eu, por exemplo, fiz duas pós, mas eu não fiz nenhuma em relação a isso. E eu vejo muita dificuldade de ter essas discussões” (B4).

Para aqueles/as que ingressaram na formação continuada institucionalizada, como pós-graduações *lato* e *stricto sensu*, os espaços de proposições de debates sobre gênero só se tornaram possíveis quando as áreas de pesquisa e aprofundamento do/a docente possuíam esse objetivo, ou seja, se gênero fosse seu objeto de estudo. Se esse não fosse o caso, caberia ao/à interessado/a participar de grupos de pesquisa específicos, de disciplinas

optativas ou de propor a inclusão de oportunidades de discussão nos espaços em que estão inseridos, como apontado pelos/as participantes.

“[...] eu não consigo pensar em momentos em que relações de gênero foram tratadas de uma forma direta. De que elas se tornaram ali o centro do processo de formação. Mas isso, pelo menos, na minha trajetória formativa, isso surgiu, tanto é que existe essa busca nossa por leitura, por uma conversa, por ideias que tratem disso” (B8).

É justamente nessa lacuna de falta de oportunidades de discussão e debates sobre gênero nos currículos de formação inicial e continuada que apresentamos, então, a última categoria de análise.

### **PIBID E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS DISCUSSÕES DE GÊNERO**

O Programa ganha notoriedade como possibilidade de formação docente por proporcionar e potencializar: (1) experiências no interior da escola e (2) trocas entre sujeitos, sejam pertencentes ao PIBID (bolsistas, supervisores/as, coordenadores/as) ou às escolas (discentes e demais funcionários/as).

“Eu acredito que o PIBID, ele foi um marco muito importante para minha carreira no sentido de formação porque esse é um marco que eu tento sempre retroceder porque foi a primeira oportunidade que eu tive para poder ter esse contato com o ambiente escolar. Então, sempre quando eu tento ter essas relações, essas discussões sobre relações de gênero. Eu tento retroceder sobre como foi a minha formação, sobre como foram as minhas experiências e por isso, eu acho que é muito importante, porque sempre me vem ao clique essa marcação histórica para mim do PIBID, do meu primeiro contato com os meus alunos lá” (B6).

“[...] o PIBID foi muito rico para minha formação. Eu não consigo desvincular em nenhum momento, os meus estudos, a minha prática pedagógica, sem remeter as experiências que eu tive no PIBID. O quanto que você se apropriar de determinados conteúdos, conhecimento vamos dizer assim, que são negados na graduação e o PIBID me oportunizou pensar sobre, me apropriar e problematizar isso entende? [...]” (B1).

Para além das ementas das disciplinas, conteúdos e discussões em salas de aula, Wenzel e Dornelles (2020) consideram que o estágio seja essencial na formação inicial, permitindo a conexão entre as experiências formativas e as práticas pedagógicas. Desta forma, permite-nos pensar que a escola e as experiências vividas dentro dela podem ser apresentadas como oportunidades de formação no que concerne às discussões de gênero, pois, segundo Lovisi (2021, p. 36), é primordial compreender que a atividade teórica possibilita “o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Entretanto, para produzir tal transformação somente a atividade teórica é insuficiente: é preciso atuar praticamente.”

“Não há um espaço formativo mais rico do que a escola. [...] Mas, para além disso, a maior formação são as tensões das relações sociais que se estabelecem nas escolas” (S2).

“[...] Então, muitas vezes quando a gente pensa: ‘Ah, você teve relações de gênero?’ A gente pensa logo na graduação. A gente olha logo para graduação, para o mestrado, para a pós, para esses espaços de formação continuada e muitas vezes a escola que é onde a gente está atuando, ela também é um espaço que a gente consegue aos poucos desconstruir e que mudou olhar para minha prática hoje também. [...] A formação continuada, ela ainda está ainda está muito na experiência e na vivência. [...] A gente vai nessas relações a partir das relações, a gente busca os espaços que já estão proporcionando essas discussões, busca o espaço de formação, não só das relações de gênero como outros” (B7).

Percebe-se nos discursos dos/as participantes que os saberes da prática docente se apresentam como uma das principais oportunidades de formação profissional continuada (Monteiro; Altmann, 2014). Lara Araújo (2015) também aponta a importância das experiências práticas, principalmente no que concerne às discussões de gênero nas escolas para a formação inicial de professores/as. Neste sentido, a participação dos/as bolsistas no cotidiano escolar, as relações concomitantemente constituídas e as vivências dentro das salas de aulas são alguns dos pontos positivos e importantes que o Programa possibilita.

Os relatos dos/as participantes ainda vão além e abordam também as relações interpessoais e os aprendizados advindos das trocas de experiências como outra oportunidade de formação. Consideramos, também, que são nessas possibilidades de construção de relações que se desenvolvem as identidades docentes (Lovisi, 2021) conforme podemos verificar a seguir:

“[...] realmente às vezes a gente não tem uma disciplina voltada ou ali naquele conteúdo, naquela ementa da disciplina, vou pôr assim na graduação, não tem planejado aquele espaço, mas muitas vezes com as pessoas, com os colegas que estavam ali nas interações, isso surgiu e foi possível problematizar dentro da graduação” (B7).

“Se a formação com relação à instituição, ela não atingia certos objetivos, a minha formação se deu através de pessoas. [...] E aí, a partir do momento que você conhece pessoas, você conhece os espaços, você vai se apropriando, você vai se desconstruindo e construindo por cima disso. Então, eu fico pensando que ao mesmo tempo que se essa formação institucionalizada, que é uma coisa rígida, ela não contempla, outras coisas irão contemplar. Então, é a escola, são as pessoas que a gente está conversando na cantina, é o espaço do PIBID que a gente vai conversando durante ou depois da reunião. Então, são esses espaços... É a formação política, através do diretório acadêmico, então são esses espaços que vão nos formando e aí que vai te fazer chegar ao que você almeja ou desconstruir para ser outra coisa que você também não almejava e chegou [...]” (B3).

“E para além dessa formação no espaço escolar, o PIBID, por exemplo, [...] pelo perfil das pessoas e pela concepção de mundo das pessoas e as suas histórias, as suas trajetórias, sem dúvidas me fez pensar muito e refletir muito sobre essas relações de gênero. Então, foi um espaço para mim, enquanto supervisor do PIBID, foi um espaço formativo muito significativo que permitiu que esses olhares e essas reflexões elas fossem dando continuidade” (S5).

“Eu entendo que o espaço que o PIBID proporcionou para gente, enquanto bolsistas, para os coordenadores, supervisores e para nossas experiências para além daquele momento do PIBID. Porque a gente também se relacionou com outras pessoas, nós nos relacionamos na escola, a gente participou de muitas outras coisas, então de certa forma a gente levou o que o PIBID representava para esse espaço também” (B8).

Refletindo sobre as oportunidades de formação apresentadas e compreendendo as contribuições que o Programa promove nas trajetórias formativas iniciais e continuadas daqueles/as que dele fazem parte, sobretudo no que concerne à aproximação com as discussões de gênero, destacamos um trecho da dissertação de mestrado da Thalita Portela (2020) denominada “Construção de gênero nas aulas de Educação Física: análises a partir de relatos de experiência apresentados no CONBRACE”:

Cabe chamar atenção também para a enorme relevância do PIBID na formação acadêmica da EF. Durante a leitura e análise dos relatos ficou evidente a diferença que estar dentro de um programa como esse faz para a formação docente. O PIBID, hoje, oferece um espaço único de confronto com o cotidiano escolar, de reflexão sobre a prática, de aproximação com a realidade da escola e de construção de conhecimento. Nesse sentido, os relatos também se revelaram um importante documento de registro das experiências desenvolvidas por estudantes no PIBID e em outros projetos que, por vezes, não têm espaço para compartilhar suas experiências em trabalhos científicos. Além disso, é um dado que vem reforçar a necessidade, importância e relevância de tais projetos na formação de professores e professoras (Portela, 2020, p. 135).

Enfatizando o papel do PIBID na formação docente, a pesquisa de Portela (2020) vai ao encontro de outras referências acadêmicas que nos afirmam e reafirmam a importância do Programa, como Carla Corrêa (2017), Bernardete Gattiet *al* (2014), Leandro Rabelo, Valéria Dias e Fernando Carvalho (2020). Salientamos que alguns dos desfechos do Programa, tais como: “contato direto com as crianças, com a escola, mais tempo com os professores supervisores do projeto, elaboração de planejamentos, experiência com os conteúdos e, principalmente, o contato com a prática pedagógica” (Lovisi, 2021, p. 90-91) podem ser considerados como propulsores para o alcance desse papel de destaque. Além disso, as falas dos/as docentes demonstram a capacidade de alterar, positivamente e significativamente, todos os sujeitos que são atingidos

pelo PIBID de modo a pensar, discutir, problematizar e, certamente, agir perante as desigualdades presentes na sociedade brasileira.

Encerrando os relatos dos/as participantes, elencamos o depoimento de B7 pela ênfase na importância das ações pedagógicas por intermédio de um exemplo positivo de outro professor em sua vida, reforçando o papel docente na formação e transformação na vida de crianças, jovens e adultos, acendendo uma chama de esperança por um mundo melhor:

“[...] antes da graduação, eu tive até espaço quando eu estava na escola até o Ensino Médio, para problematizar algumas questões [...] eu tive uma pessoa, um professor que já abriu o meu olhar para uma questão mais ampla da sociedade, de uma certa forma. E eu acho que isso demonstra a nossa importância enquanto atores dessa ação pedagógica. O quanto que a gente pode construir desde cedo esse processo. [...] Então isso pode ser, vamos pôr assim, a gente pode plantar uma sementinha desde cedo e plantando essa sementinha ao longo dessa trajetória formativa das pessoas” (B7).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminhar deste trabalho percorreu questões conceituais, compreendendo gênero como categoria analítica. Explorou as normas sociais dicotômicas impostas aos corpos e problematizou os pressupostos estritamente biológicos que as alimentam. Trouxe à tona a trajetória militarista, higienista e biologicista que constitui a Educação Física e tudo que está a sua volta. Entretanto, novos olhares sobre os saberes docentes na EFe foram abertos e horizontes mais plurais, diversos e acolhedores se tornaram possíveis. Pensar a Educação sob uma ótica mais humana e menos biológica proporciona aparatos para se discutir, debater e problematizar questões de gênero, sociais, de raça, classe e religiosas, por exemplo.

Todavia, muitos currículos de formação docente ainda não contemplam suficientemente disciplinas que ofereçam espaços e subsídios para que o gênero seja pensado, evidenciando as mazelas das ideias patriarcais, arcaicas e preconceituosas que ainda insistem em permanecer nos cursos de formação de Licenciatura em Educação Física.

Apesar disso (e por conta disso), os enfrentamentos a essas ideias permanecem vivos e ficaram evidenciados pelos discursos apresentados pelos/as docentes que participaram desse estudo e por suas buscas por oportunidades de formação. Percebe-se que eles/as não se silenciam e não se eximem no que diz respeito às diferenças de gênero e em meio a experiências e vivências, resiste más ondas conservadoras, aos discursos preconceituosos e às tensões nos

currículos de formação em busca de problematizações no que tange às discussões de gênero.

Além de estudos na literatura específica, o espaço escolar de atuação e as trocas com os pares foram essenciais para que fosse possível problematizar essas questões. O PIBID/Educação Física – UFJF se caracteriza, prioritariamente, como programa que oportuniza o convívio entre estudantes de graduação e professores/as, possibilitando a vivência e a experiência docente. Sendo assim, pode cumprir a função fundamental de contribuir com a formação, no tocante ao acesso a espaços onde as discussões de gênero estão presentes, bem como nas possibilidades de subversão e enfrentamento.

Pensando acerca do que foi exposto sobre desconstruções e disputas que permeiam o viver e conviver, parafraseando Filipe Fernandes (2018, p. 150), colocamos em evidência a seguinte reflexão: “Em uma aula de Educação Física, entre formas e forças dos currículos, que modos de existir estou privilegiando e quais estou silenciando?”.

Almejamos que esta produção possa fomentar, ampliar e valorizar cada vez mais as conversas, debates e pesquisas referentes às questões de gênero, principalmente na Educação Física escolar, auxiliando professores/as que objetivam propor discussões de gênero em sala de aula e aqueles/as que se deparam com as possibilidades emergentes dos cotidianos escolares e buscam literatura específica para basear suas proposições. Além disso, que possa ampliar as discussões sobre o PIBID de forma a evidenciar a sua importância e contribuição para a formação inicial e continuada de professores/as.

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial a Professora Lídia e Professor Wilson que fizeram parte da construção deste trabalho em seu princípio.

## **NOTAS**

### **CONFLITOS DE INTERESSE**

As autoras não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

### **AUTORIA E COAUTORIA**

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autoria, responsabilidade pública pelo conteúdo

deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

*Bárbara Aparecida Bepler Pires* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Thalita Regina de Oliveira Portela* - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Ayra Lovisi Oliveira* - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. *Educação Física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.

ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. "Gênero" e "Sexualidade" na formação em Educação Física: Uma análise dos cursos de Licenciatura das Instituições de Ensino Superior Públicas do Rio de Janeiro. *Arquivos em Movimento*, v. 15, n. 1, p. 25-41, jan./jul. 2019.

ARAÚJO, Lara Wanderley. *Gênero e Educação: um estudo sobre os saberes produzidos na formação inicial de professoras/es*. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

AUAD, Daniela. Relações de gênero na sala de aula: atividades de fronteira e jogos de separação nas práticas escolares. *Pro-Posições*, v. 17, n. 3, p. 137-149, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643610>. Acesso em: 12 jul. 2023.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.



BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Diretoria de formação de professores da educação básica. *Relatório de Gestão 2009-2013*. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. *Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e dá outras providências*. Diário Oficial da União, n. 120, seção 1, p. 4-5, 2010.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

CORRÊA, Carla Patrícia Quintanilha. *A formação dos formadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

DEVIDE, Fabiano Pries; ROCHA, Cristina Maria Da; MOREIRA, Izabela Dos Santos. Coeducação e educação física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. *Cadernos De Formação RBCE*, p. 48-60, set. 2020.

FERNANDES, Filipe Santos. Pelas bruxas de Agnesi no currículo: educabilidades de uma matemática no feminino. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (Org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 139-152.

FERNANDES, Simone Cecília, ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Org.). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física* [recurso eletrônico]. Natal: EDUFRN, 2020, p. 31-45.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Brasília, Laber Livro, 2008. Série Pesquisa, v. 6.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 02. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GATTI, Bernardete A.; ANDRÉ, Marli E. D. A.; GIMENES, Nelson A. S.; FERRAGUT, Laurizete. *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 41, set. 2014. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/textosfcc/issue/view/298/6>. Acesso em: 12 jul. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-43.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. *Paidéia*, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2023.

LOPES, Bernarda Elane Madureira. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 3, n.2, p. 482-492, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 85-94.

LOVISI, Ayra. *O dever docente: olhares para a formação dos licenciandos em educação física a partir do estágio curricular supervisionado*. 2021. 242 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

MORAES E SILVA, Marcelo; MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; QUITZAU, Evelise Amgarten. Educação Física Escolar: Espaço de questionamento das masculinidades hegemônicas? *Cadernos de Formação RBCE*, p. 25-36, set. 2020.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 5-18, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11777/6976>. Acesso em: 12 jul. 2023.

NICOLINO, Aline; SILVA, Ana Márcia. Corpo e gênero na percepção de educadoras/es. In: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 92-119.

NICOLINO, Aline. Gênero nos currículos de formação docente em Educação Física no Brasil. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 73-91.

OLIVEIRA, Valleria Araujo de. *Periquetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é "ser mulher" no campo de futebol*. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

PEREIRA, Zilene Moreira. Gênero e sexualidade na pesquisa na área de ensino: análise da produção acadêmica. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas: UNICAMP, 2012.

PORTELA, Thalita Regina de Oliveira. *Construção de gênero nas aulas de Educação Física: análises a partir de relatos de experiência apresentados no CONBRACE*. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2020.

RABELO, Leandro De Oliveira; DIAS, Valéria Silva; CARVALHO, Fernando Luiz De Campos. Mudanças no PIBID e na preparação de professores para o início da docência: análise em multiníveis baseada na THCA. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.36, 2020.

RAMOS, Michelle Rodrigues Ferraz; DEVIDE, Fabiano Pries. O discurso docente sobre as relações entre conteúdos de ensino e identidades de gênero. In: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 170-192.

SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena. Estereótipos de movimento e gênero na dança no ensino médio. In: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2013. p.121-147.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Caderno. *CEDES*, v. 19, n. 48, p. 52-68. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvvgb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2023.

WENETZ, Ileana, DORNELLES, Priscila Gomes. Um convite para generificar o estágio na formação de professores/as e Educação Física. *Cadernos De Formação RBCE*, p. 71-80, set. 2020. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2421/1352>. Acesso em: 12 jul. 2023.

WILLIG, Carla. *Introducing qualitative research in psychology*. 3. ed. New York, NY: Two Penn Plaza, 2013.

Recebido em: 28 jul. 2023  
Aprovado em: 16 set. 2023

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

---

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

